

Cenários Econômicos: Brasil, Pernambuco e os Pequenos Negócios (2019-2021)

O Brasil vive um momento de grande incerteza política e econômica. O atual desempenho econômico e fiscal no país é ainda fortemente inseguro e precário, e deverá persistir enquanto a atual crise política continuar. Os atuais impasses indicam que o período de ajustamento desejado deve se prolongar por mais tempo do que o previsto inicialmente. Lamentavelmente,



Fonte: Stockphotos

mas com sentido realista, previsões oficiais indicam para o PIB do país em 2018 deverá crescer próximo a 1,5%, frustrando as expectativas de uma taxa de crescimento esperada de 3,0% em relação ao ano de 2017. Assim, a expectativa dos analistas do mercado financeiro, segundo o Boletim Focus do Banco Central, de 13/07/2018, é de que a inflação (medida pelo IPCA) alcance o patamar de 4,11%. A taxa de câmbio, por sua vez, deve se situar acima de R\$ 3,70 por dólar neste e nos próximos anos. Na sua última reunião, o Comitê de Política Monetária (Copom) diminuiu a taxa básica de juros (Selic) para 6,50% ao ano.

QUADRO 1

Expectativas do mercado

		2018	2019	2020	2021
PIB	% a.a. no ano	1,50	2,50	2,50	2,50
IPCA	% a.a. no ano	4,11	4,10	4,00	3,75
Taxa Selic	% a.a. em dez.	6,50	8,00	8,00	8,00
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	3,70	3,68	3,64	3,70

Fonte: IBGE e Banco Central do Brasil – Boletim Focus. Data: 13/07/2018

As oscilações econômicas e políticas, para o ano de 2018, sugere um ano com retração econômica, desvalorização cambial e investimento muito limitado, mesmo com redução na taxa SELIC, já que as taxas de juros ao tomador final continuam excessivamente elevadas (as taxas de juros para pessoas jurídicas foram reduzidas de 21,6% para 16,8% ao ano enquanto para pessoas físicas caíram de 43,1% para 39,9% ao ano). Essas tendências sinalizam, também, uma baixa taxa de crescimento do PIB para os próximos anos, em função de vários fatores, como esgotamento do modelo recente de política econômica baseada em programas de estímulo ao consumo, no esgotamento do crédito abundante e nas políticas de isenção tributária, no que pese ainda a dificuldade gerada com a queda dos preços dos principais produtos de nossas exportação, "commodities" agrícolas e minerais, e ainda a redução do ritmo de crescimento e das importações da China, nosso principal parceiro importador, como também da Argentina.

Nesse contexto, a Região Nordeste e o estado de Pernambuco acompanham a desaceleração da economia nacional. Na economia de Pernambuco, esse processo provocou impactos significativos na população ocupada. A ausência de um ambiente favorável ao investimento e às atividades produtivas, nos últimos anos, vêm provocando aprofundamento e tendência de desaceleração da trajetória de crescimento conquistada ao longo dos últimos na economia regional e estadual.

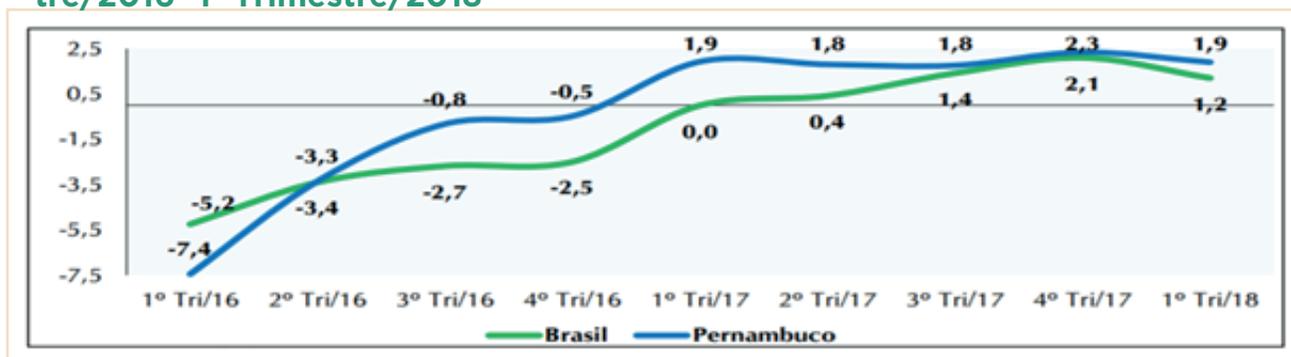
Pernambuco é a segunda maior economia do Nordeste, com o Produto Interno Bruto (PIB) de R\$157,0 bilhões, em 2015, correspondendo a 2,6% do país. O PIB per capita situou-se em R\$16,8 mil, comparativamente aos R\$15,0 mil do Nordeste e R\$29,3 mil do país. Quanto à dinâmica da atividade econômica, o período 2009-2017, pode ser segmentado em três fases:

- (i) 2009-2014: a economia do estado cresceu acima da média do país e da região;
- (ii) 2015-2016: retração intensa;
- (iii) a partir de 2017: recuperação moderada.

Com relação ao comportamento da economia pernambucana, no primeiro trimestre de 2018, observou-se que o Produto Interno Bruto de Pernambuco(PIB/PE), a preços de mercado, alcançou R\$ 45,1 bilhões em valores correntes, apresentando crescimento de 1,9% nesse período em relação ao mesmo período de 2017, com resultados melhores que a economia brasileira, tendo em vista seu crescimento de 1,9% nos últimos quatro trimestres, quando comparado ao do PIB nacional de 1,2%, nesse mesmo período.

GRÁFICO 1

Taxas de Variação do PIB Trimestral (5) - Pernambuco e Brasil- 1º Trimestre/2016- 1º Trimestre/2018



Fonte: Agência Condepe/Fidem e IBGE / Base: igual período do ano anterior / (*) Dados preliminares

Para o ano de 2018, as taxas de crescimento da economia estadual deverão permanecer tímidas.

A estimativa é a de que a taxa de crescimento da economia pernambucana se aproxime da economia brasileira, em torno de 1,5%. O lento desempenho deve-se a recuperação do emprego e da renda e da atividade de construção civil que foi um dos setores mais fortemente atacado na crise econômica do estado.

No estado de Pernambuco, no período de janeiro de 2018 a maio de 2018, as MPEs foram as que mais geraram saldo líquido de empregos gerados (3.908), enquanto que as médias e grandes empresas foram as que mais demitiram, gerando um saldo líquido negativo de (-25.430) empregos formais, no período janeiro a maio de 2018.

QUADRO 2

Pernambuco- Saldo líquido de empregos gerados nos últimos 13 meses (Maio/2017 a Maio/2018)

Mês	MPE	MGE	Adm. Pública	Total
mai/18	637	-17	1	621
abr/18	1.993	-2.261	-2	-270
mar/18	905	-10.590	-4	-9.689
fev/18	51	-7.407	-25	-7.381
jan/18	322	-5.155	-4	-4.837
dez/17	-2.267	-6.042	-5	-8.314
nov/17	1.932	-1.625	-48	259
out/17	2.887	5.836	-5	8.718
set/17	1.933	12.056	3	13.992
ago/17	1.420	2.797	-11	4.206
jul/17	290	488	16	794
jun/17	414	2.322	-10	2.726
mai/17	-83	-101	-11	-195

Fonte: MTb/CAGED

Na esteira da expectativa de retomada do nosso processo crescimento econômico nacional e do ponto de vista da economia estadual, o que se impõe é consolidar a efetivação dos investimentos estruturadores tecnicamente definidos, já iniciados e necessários econômica, financeira e socialmente, e os efeitos e benefícios macroeconômicos deles resultantes. Isso requer vontade política, determinação e união dos interessados na sua promoção. Ainda como consequência benéfica e de interação, há o grande desafio de se construir necessária estratégia de integração com as cadeias produtivas existentes dentro do Estado, tanto da grande empresa como - em especial, com o segmento amplo e socialmente representativo da pequena empresa buscando também assegurar a geração de empregos diretos e indiretos.

Todavia, não obstante essas perspectivas não muito otimistas de crescimento para a economia brasileira, regional e estadual para o ano de 2018, nos anos vindouros existem notórias perspectivas de retomada, ainda que gradativa. Nessa expectativa, os grandes projetos produtivos e de infraestrutura necessitam ser retomados, a exemplo da

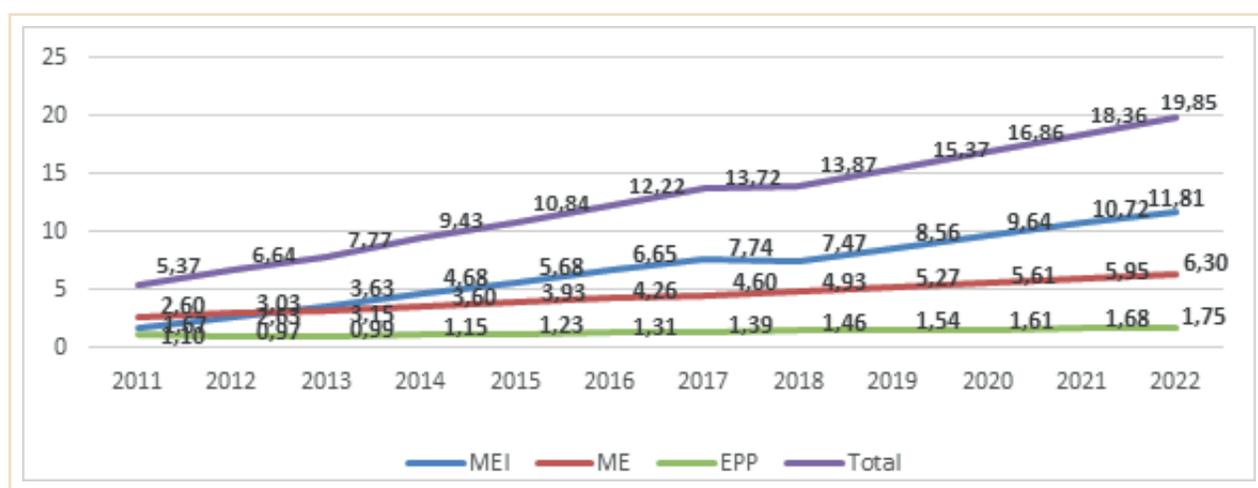
continuidade da duplicação da BR-232, a construção do Arco Metropolitano, o projeto de Transposição do Rio São Francisco, o Projeto da Adutora do Agreste, a ferrovia Transnordestina, etc. Assim, a continuidade dos investimentos em projetos de infraestrutura e de novos outros investimentos privados decerto permitirão efetivar e dinamizar toda a economia estadual. Para consolidação e maximização dos benefícios macroeconômicos desses investimentos, impõe-se construir e aplicar adequada estratégia de integração com as cadeias produtivas já existentes dentro do Estado, notadamente a integração entre a grande e a pequena empresa, de forma a fazer com que a maior parte dos empregos diretos e indiretos gerados por esses grandes projetos fiquem em Pernambuco.

Dentro dessa perspectiva de retomada do crescimento, as micro e pequenas empresas assumem um papel fundamental no processo de extrema relevância na estrutura econômica brasileira e para o emprego. Em 2016, no Brasil, o segmento representava cerca de 6,8 milhões de estabelecimentos, que eram responsáveis por 16,9 milhões de empregos formais privados não agrícolas, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), registro administrativo do Ministério do Trabalho. Mesmo com a crise econômica brasileira recente, com queda da produção e aumento do desemprego, os micro e pequenos empreendimentos tiveram papel significativo na geração de postos de trabalho. Entre 2006 e 2016, as MPEs geraram 5 milhões de empregos.

O gráfico a seguir apresenta a evolução dos pequenos negócios no país até o ano de 2022, incorporando a categoria Microempreendedor Individual. De acordo com dados da Receita Federal existem hoje (ano de 2018) cerca de 13,8 milhões de empreendimentos de pequeno porte. No ano de 2022, estima-se que existirão no país 19,8 milhões de empreendimentos de pequeno porte, dos quais, 11,81 milhões são empresas de pequeno porte (pequenas empresas).

GRÁFICO 2

Brasil - Evolução do Número de Pequenos Negócios Empresariais com valores estimados para o período de 2018 a 2022 no Brasil (em milhões)

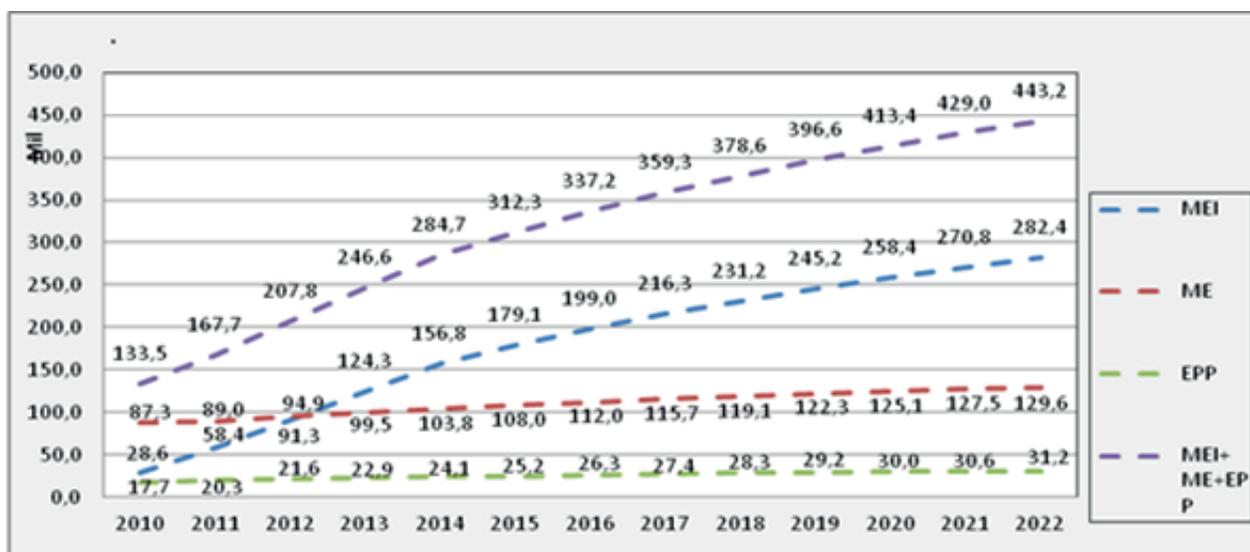


Fonte: Observatório Empresarial /Unidade de Gestão Estratégica-UGE/SEBRAE-PE, a partir de dados da Receita Federal

O Gráfico a seguir apresenta a evolução e projeção do número de microempresas (ME), microempreendedores individuais (MEI) e empresas de pequeno porte (EPP) do estado de Pernambuco, numa perspectiva de longo prazo, até 2022, no qual se observa, assim como no Brasil, grande ascendência e liderança dos microempreendedores individuais.

GRÁFICO 3

PERNAMBUCO-Evolução do Número de Pequenos Negócios Empresariais, com valores projetados para o período de 2010 a 2022



Fonte: Observatório Empresarial /Unidade de Gestão Estratégica-UGE/SEBRAE-PE

Considerações Finais

A trajetória de comportamento econômico do Estado dependerá sempre das respostas da economia brasileira à crise nacional, que se esperam sejam positivas no médio prazo. Por outro lado, como existe em Pernambuco um conjunto de grandes projetos industriais em fase de maturação, existem fundadas razões para se estimar a retomada e continuidade do crescimento. Atrelado ao expressivo conjunto de investimentos previstos para o estado de Pernambuco, é de máxima urgência também avanços na preparação da mão de obra, com elevação da qualidade e do nível de escolaridade (sobretudo no ensino médio, fundamental e técnico-profissional), bem como, esforços no caminho da inovação tecnológica, espaços onde ação eficiente e de agente indutor do aparelho estatal é fator estratégico. Assim, os desafios enfrentados pela economia do estado de Pernambuco exigem primordialmente empreendedorismo e competitividade do setor privado, como também, visão estratégica, eficiência e eficácia do setor público, ou seja, ações conjuntas e coordenadas de políticas públicas adequadas e efetivas, combinadas com postura proativa e empreendedora do empresariado privado. Neste contexto, ou seja, à vista desse novo quadro de dificuldades, vislumbram-se alguns espaços de crescimento para as micro e pequenas

empresas pernambucanas nos próximos anos, evidenciados pelos seguintes fatores:

1- As cidades médias que estão vindo de um período de forte dinamismo nas atividades de comércio e serviços e especial as que abrigam instituições de ensino superior (novo ativo: recursos humanos mais qualificados) deverão ter um ritmo mais intenso de atividade econômica que as demais cidades neste período de crise e pós crise;

2- A economia criativa, típica do século XXI (com base na rica e diversificada cultura regional e nos avanços da produção de TIC na região), desponta como setor relevante no dinamismo econômico dos próximos anos e será responsável pela intensificação e dinamismo das cidades, inclusive as cidades de médio porte;

3- A agropecuária baseada na pequena escala - com destaque para a produção de base familiar, terá um papel significativo no dinamismo do interior do estado;

4- A base industrial existente no final do século passado, em especial, nas atividades que podem se ligar às novas cadeias produtivas, terá uma função relevante na criação de sinergia e consequente criação de economias de aglomeração, devendo existir uma ação concentrada para o setor de atividade econômica.

Ana Cláudia Arruda é analista da Unidade Gestão Estratégica (UGE) e gestora do Observatório Empresarial Sebrae/PE

Boletim Periódico da Unidade de Gestão Estratégica - Sebrae/PE



0800 570 0800
www.pe.sebrae.com.br



Presidente
Josias Silva de Albuquerque

Diretor superintendente
José Oswaldo de Barros Lima Ramos

Diretora técnica
Ana Cláudia Dias Rocha

Diretora administrativo financeira
Adriana Côrte Real Kruppa

Comitê de Editoração Sebrae Pernambuco
Eduardo Jorge de Carvalho Maciel
Janete Evangelista Lopes
Angela Miki Saito
Carla Andréa Almeida
Jussara Siqueira Leite
Roberta de Melo Aguiar Correia

Unidade de Gestão Estratégica
Alexandre Alves
Alessandra Rodrigues da Silva
Ana Cláudia Arruda
Fernanda Gomes Cunha Lima
Maria Clara Brayner

Edição e Diagramação - UMC
Janete Evangelista Lopes
Maria Lúcia Silva Benevides